

Passacalha tem letra e música de Edino Krieger. Quarto lugar na parte nacional do III Festival da Canção. É a segunda vez que Edino, um dos nomes mais respeitados da nossa música erudita, concorre e se classifica no Festival, mostrando que a música erudita e a popular não são duas linhas opostas, mas que ao contrário se enriquecem com seu cruzamento.



Edino Krieger, sucesso com Passacalha

UMA ARTE SEM LIMITES

EDINO KRIEGER:

encontro e não elevador. Apesar do seu jeito de intelectual tranqüilo, Edino faz mil coisas. Está sempre correndo silenciosamente. Um amigo grita: Passacalha! Quanto é que você pagou ao júri? Em resposta ele dá uma bruta gargalhada.

— É, este ano eu não esperava nunca o 4.º lugar. No ano passado, talvez. Nem a receptividade que não podiam ficar fora do Festival. No domingo anterior procurei o Vinícius, mas ele estava em Ouro Preto. Eu não sabia se ele ia voltar a tempo. Então fui para casa e numa noite fiz a música e a letra.

Lembra que em 67 compôs *Fuga e Antífuga* originalmente para o plano. Sem a menor pretensão de concorrer.

Levou a *Fuga* para o poeta Vinícius de Moraes e este se empolgou: "Rapaz, isto é música para festival!" Vinícius fez a letra e o resultado foi o primeiro quarto lugar do compositor Edino.

— Lembra que em 67 compôs *Fuga e Antífuga* originalmente para o plano. Sem a menor pretensão de concorrer.

Levou a *Fuga* para o poeta Vinícius de Moraes e este se empolgou:

"Rapaz, isto é música para festival!"

Vinícius fez a letra e o resultado foi o primeiro quarto lugar do compositor Edino.

FILHO DE PEIXE NÃO PODE SER PEIXINHO

Nasceu em Brusque, uma cidadezinha de Santa Catarina. O pai, espécie de Zequinha de Abreu do local, foi seu primeiro professor de violino.

"Quando nasci (1928) meu pai tinha formado o primeiro grupo de jazz-band. Chamava-se América."

Compositor popular, Aldo, o pai de Edino, tinha suas músicas tocadas por aquelas bandas. Depois da classificação de *Passacalha* escreveu uma carta cumprimentando o filho:

"Mas no fimzinho me espinhafrá dizendo que eu devia era continuar fazendo música séria. E nunca gostou que eu fizesse música popular."

Aos 14 anos ganha uma bolsa-de-estudo do Governo e vem para o Rio. Continua seus estudos de violino no Conservatório Brasileiro de Música onde estuda harmonia, fuga e composição com H. J. Koellreuter. Em 48 ganha o primeiro prêmio no Concurso de Composição promovido pelo Berkshire Music Center para com-

positores jovens sui-americanos, e vai para os Estados Unidos onde estuda com Aaron Copland e frequenta a Juilliard School. Regressa ao Brasil e estuda composição com Ernest Krenek.

Em 56 viaja para Londres onde estuda com Lennox Berkeley.

"Mas apesar dos estudos eu sempre toquei música popular. Em Londres era conhecido como o *rapaz do violão*, porque em todas as reuniões lá estava eu cantando Noel, me acompanhando no violão. Um amigo meu que trabalhava na BBC fez tudo para que eu fosse cantar no Sobo."

No II Festival, compositor. No III Festival, compositor e letrista. Cantor, no próximo?

"Não. Não por preconceito, mas eu gosto de cantar só de farra."

A UNIAO FAZ A FORÇA

Alguns compositores eruditos acusam Edino de fazer concessões, quando faz música popular.

"Não vejo antagonismo entre as duas. Tento uma aproximação entre as formas eruditas e o conteúdo popular. Alguns compositores me criticaram. Mas também dos dois lados teve gente que achou ótimo como Menezcal, Lulinho Eça, Guerra Peixe e Mignone. Quando faço uma experiência no popular, tento fazer algo diferente, porque a comercial já tem muita gente boa fazendo."

Diretor da seção de música erudita da discoteca do JORNAL DO BRASIL, professor no Instituto Vila-Lóbo de harmonia e instrumentação agora vê-se empossado numa nova função: secretário do Conselho Executivo de Música Erudita do Museu da Imagem e do Som.

"Como outros eu estava revoltado com o esquecimento, o quase abandono em que ela se encontrava. Enquanto no exterior existe um grande interesse pela nossa música aqui os nossos compositores não recebem o menor estímulo para progredir, criar e aparecer. Escrevi um artigo a respeito, e no dia seguinte o Ricardo Cravo Albim, diretor do MIS me telefonou dizendo que sempre tinha pensado nisso. Assim nasceu o Conselho."

— Ao lado de Krieger, entre outros, Guer-Peixe, Cláudio Santoro e Maria Lúcia Godói.

"Vamos convidar nossos grandes nomes para fazer depoimentos sobre a música erudita, e gravar para os arquivos do Museu. Assim faremos um acervo, como está sendo feito com a música popular."

O I Festival de Música Erudita vai ser o ano que vem no Teatro Municipal.

"A música de vanguarda há muita coisa impressionante, capaz de causar impacto. Não se pode culpar o público, aberto, interessado e de não prestígio-lá. Todas as vezes que a levaram até ele foram obtidos os melhores resultados. São as entidades oficiais que não se preocupam em trazer nada de novo."

— As universidades são outro caminho, que ninguém ainda se interessou em penetrar.

"Para a juventude tem de se apresentar coisas atuais. Ninguém mais do que ela tem condições de entender esta efervescência que existe também em todos os outros campos."

Acha que levar Chico Buarque e Elisete ao Municipal foram promoções excelentes. "Mas do ponto-de-vista musical houve defeitos. Elisete, por exemplo, apesar de grande cantora popular, não tinha condições para cantar as *Bachianas*."

Edino compôs para o saxofonista Paulo Moura, uma *Brasiliana*.

"Paulo é um instrumentista de primeira qualidade e nisso não houve a menor concessão."

A coerência do seu pensamento é confirmada quando diz uma das cláusulas, que elaborou para o Regulamento do Festival: "Podem ser usados instrumentos populares, guitarras, cavafilhões, instrumentos de percussão dentro de um tratamento mais elaborado."

"O festival estava fazendo falta. Vem de encontro a uma necessidade que todo mundo reconhece. Os próprios músicos ficam condicionados aos problemas de música aleatória. Isto porque só tocam Beethoven, Chopin, Mozart. Salva-se nisso a Orquestra Sinfônica Brasileira que fez um excelente trabalho neste sentido, promovendo a música de vanguarda."

AS VARIAS ATIVIDADES

Em 1963 organizou a Orquestra Sinfônica Nacional da Rádio Ministério de Educação e Cultura tendo trabalhado nela como diretor-assistente até 1964. Em 66 compôs um *Ludus Symphonicus*, peça em três movimentos, encomendada pelo Festival de Curitiba.

— Festival de Caracas, estreada pela Orquestra da Filadélfia.

"Depois foi levada aqui várias vezes e a linguagem avançada foi muito bem recebida pelo público. Muitos jovens ficaram entusiasmadíssimos com o som."

Não gosta muito de falar dele. "Gosto de promover os outros." Olha no relógio, porque o fotógrafo está custando a chegar. Mas enquanto pode, não diz que tem um compromisso urgente. Parece alemão: "fisicamente integro-me com todas as raças, menos a brasileira" (seu pai é de descendência italo-germânica).

Tem, também, composto música para cinema e teatro. Fez a partitura para *Sonho de uma Noite de Verão*, algumas músicas para *As Sete Faces de um Cafajeste* e a comédia *A Viciosa de Ouro*.

Seu *Oratório Cênico* vai ser levado dia 8 de dezembro no Municipal pelo Coro e a Orquestra do T. M. Paulo Autran; vai ser o narrador, e os cenários serão de Gianni Ratto.

— É um oratório em caráter épico sobre o nascimento do Rio de Janeiro. Foi feito para o IV Centenário mas acabou não podendo ser levado na época.

Sabá ou Caminhando?

— Se eu fosse jurado teria problemas. A música de protesto é um tema atual. Reflete alguma coisa da realidade, como sempre refletiu. O compositor fica sendo o cronista da época. A música do Vandrê com pouquíssimos elementos (dois acordes, estrofe e refrão) contagiou o público. Não é uma melodia rica, mas tem uma enorme capacidade de comunicação. Stravinsky dizia que se sentiria realizado no dia em que fizesse uma melodia que bastasse por si mesma, que não precisasse de mais nada.

Sabá é bonita, mas o Tom tem coisa melhor. Havia melodias muito bem construídas. *Dia de Vitória* de Marcos e Paulo Sérgio Vale é música que qualquer compositor erudito assinaria.

No Maracanãzinho alguém torcia "barbaramente por Vandrê." Cláudio, um menino de dez anos. Filho de Edino. No fim do Festival disse para o compositor:

— Pai, a tua música até que era bonita. Mas a do Vandrê é um estouro